

Possíveis Mediações para uma Cultura Biblioteconômica Fundada nas Teorias Sociointeracionistas

Ana Maria Sá de Carvalho e Rute Batista de Pontes

Departamento de Ciências da Informação

Universidade Federal do Ceará

Avenida da Universidade 2762 Fortaleza-Ceará-Brasil 60.180-020 Telefones (085)2887696/2423040/2140952

E-mail: anasa@ufc.br

RESUMO

Focalizam-se as deficiências em leitura nos ensinos Fundamental e Médio, comprovadas por pesquisas empreendidas sob a responsabilidade de órgãos nacionais e internacionais. Com base nessas investigações desenvolveram-se estudos de ordem teórico-práticas junto a docentes de escolas de um bairro periférico da cidade de Fortaleza, situada no Estado do Ceará, nordeste do Brasil. Esses estudos evidenciaram as deficiências constatadas e ao mesmo tempo proporcionaram subsídios para reverter esse quadro. Valeram-se das teorias Sociointeracionista, da Estética da Recepção e do Letramento para desenvolverem-se as ações planejadas. Os resultados da pesquisa estão a indicar a premência de intensificação de novas práticas leitoras baseadas nas teorias eleitas, as quais possam vir a suprir as necessidades detectadas. Inferem-se que, se os bibliotecários adotarem metodologias de ação condizentes com as concepções utilizadas terão na escola um fértil território de atuação. Isto, com vistas não só a gerar novos paradigmas, através dos quais possa ser transformada a atual cultura biblioteconômica, mas consolidar uma sociedade leitora e, portanto, cidadã.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca escolar, leitura, atuação do bibliotecário

REFLETINDO AS MEDIAÇÕES

A questão da deficiência, ou mesmo inexistência, de bibliotecas escolares não tem merecido estudo aprofundado por bibliotecários e pedagogos acarretando sérias conseqüências para a educação pública brasileira, pois entendemos que uma das condições básicas de aprendizagem da leitura é praticá-la e para isso se faz necessário, não só a disponibilidade, mas o acesso aos mais variados suportes informacionais.

Apoiadas em estudos anteriores como nossas pesquisas de mestrado e doutorado, sentimos a necessidade de contribuir para suprir essa lacuna, provocada, entre outras, pelo desconhecimento de referenciais teóricos

que propiciem aos professores, bibliotecários e alunos o pensar e o redimensionar de suas práticas de leitura evitando, assim, conseqüências que têm sido desastrosas para a educação e para a sociedade. Dentre essas conseqüências apontamos um estudo recente e inédito do Ministério de Educação e Desporto (MEC) mostrando que apenas 5% dos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental demonstram habilidades de leitura compatíveis com a série que cursam.[1] Esse estudo acrescenta que 65% dos professores concluíram o curso superior. Dados levantados pela pesquisa “Literacy Skills for the World of Tomorrow” (Alfabetização para o Mundo de Amanhã) produzida pela Unesco e pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) indicam que os estudantes brasileiros na faixa etária de 15 anos têm o penúltimo desempenho em matemática e ciências e obtiveram o 37º lugar em leitura [2]. Um “ranking” de interpretação de textos feito pela OCDE e exposto pela revista Veja, aponta que um operário americano compreende a leitura de um texto com maior facilidade do que um brasileiro que estuda em bons colégios privados. A explicação fornecida é que 60% dos professores brasileiros não gostam de ler e, portanto, não incluem a leitura como imprescindível em suas vidas [3]. Daí porque, as bibliotecas escolares, agora, exigência do Plano Nacional de Educação (PNE), ainda não existem como suporte pedagógico atuante nas escolas. Esse descaso nas escolas explica as dificuldades demonstradas pelos alunos universitários principalmente, referente à leitura.

Por outro lado, como o mercado está a exigir do homem, cada vez mais, conhecimentos complexos, o desemprego aumenta e importa-se de outros países, e mesmo de estados mais desenvolvidos, mão-de-obra para suprir a necessidade da demanda.

Esta exposição, depoimento de como o silêncio da leitura na nossa sociedade vem trazendo conseqüências desastrosas para o País e, em especial, para a escola a quem é delegada a primazia do exercício da função educativa, implementa ações pedagógicas que retêm a informação em detrimento da aquisição de conhecimentos. Conhecimentos que reelaborados cumprem e confirmam a sua natureza produzindo novos

conhecimentos, novas tecnologias, o quê por sua vez, demanda novos fazeres em prol do ser humano. Fazeres que podem transformá-lo num ser crítico, criativo, capaz de se comunicar com eficiência e eficácia e, sobretudo de encontrar soluções para as suas necessidades vitais, incluindo aqui a sua subsistência.

Compartilhar essa preocupação com os que comungam, na nossa lida cotidiana, com a idéia de buscar paradigmas profissionais mais condizentes com a contemporaneidade, afigura-se como um espaço pródigo, se pensarmos numa conjunção de esforços com vistas a conformar um outro perfil profissional.

As reflexões aqui explicitadas confirmam a leitura como ato relevante que capacita o cidadão para ler o mundo heterogêneo no qual está inserido tanto, teórica quanto politicamente, ou seja, sabendo lidar com as diferenças que estão postas socialmente. Impõe-se, portanto, a formação de mediadores da leitura para suprir a deficiência na formação dos educadores em geral. Isto implica na presença de bibliotecas escolares e de profissionais capacitados a processar as informações e agilizar-las visando disponibilizá-las para o usuário. Com o fito de contribuirmos para a superação das fragilidades, aqui expostas, elaboramos um projeto de pesquisa que se propõe a desvendar a realidade da leitura e da biblioteca em 14 escolas de um bairro periférico de Fortaleza (Estado do Ceará, nordeste do Brasil), e ao mesmo tempo, contribuir para as transformações necessárias.

POR ENTRE TRILHAS E ATALHOS

Elegemos para embasar nossas ações pedagógicas, concepções que possam contribuir para transformar nossas práticas leitoras, sobretudo as escolares, já que a Escola é a grande responsável pela formação de leitores. As concepções selecionadas baseiam-se em aportes teóricos que expõem a cultura como parte da natureza humana compreendendo que a construção do conhecimento processa-se através da interação social dos indivíduos, da dialogicidade e do compartilhamento de experiências mediadas. Letramento, Sociointeracionismo e Estética da Recepção são paradigmas que atendem a esta proposta e entrelaçam-se teoricamente.

A expressão Letramento surgiu recentemente como necessidade de transcender a palavra Alfabetização que não satisfaz, mais, as exigências da chamada sociedade do conhecimento. Letramento conota, não só, o domínio do código lingüístico, mas o uso da palavra escrita inserida e compreendida no contexto social dos indivíduos com suas múltiplas significações. É o caráter de prática social da leitura que vai fazer a diferença entre os indivíduos letrados e os alfabetizados. O letrado aprende a ler a partir da função que a escrita exerce em seu cotidiano e não a partir do domínio do código. Na realidade o Letramento busca uma perspectiva crítica e social.[4]

Para o aporte teórico sociointeracionista o homem se constitui como ser humano através das suas relações com a cultura, a linguagem e o Outro. Sendo assim, o

meio físico e sociocultural são constitutivos do ser humano. Nesse sentido, Vigotsky [5] como um dos representantes dessa corrente, possibilita um novo olhar para as práticas pedagógicas; um olhar voltado para o futuro, e não apenas para o quê os aprendizes conseguem fazer sozinhos, hoje. Esse teórico valoriza o que ainda está para ser construído com a ajuda de outros e mediado pela linguagem. Isto transforma a relação aluno/professor, a visão da avaliação e dos métodos empregados na escola. Focaliza o desenvolvimento das potencialidades individuais que são específicas de cada um. Entretanto, essas potencialidades não são desenvolvidas individualmente, mas na interatividade, coletivamente.

Bakhtin,[6]outro notável representante do Sociointeracionismo, contribui de forma lapidar para a consolidação dessa teoria na Educação ao abordá-la a partir da dimensão dialógica, o quê possibilita a compreensão de como se dá a apreensão e construção da realidade, quando ressalta as relações sociais mediadas pela leitura nesse processo, resultando nas relações polifônicas. Não mais a voz do professor, ou a leitura do livro didático, somente, mas as múltiplas vozes que se constituem na liberdade de se expressar.

É interessante como Kramer entende **experiência** com base em Benjamim e que explica a corrente Sociointeracionista: “na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização (por isso é finita); na experiência, a ação é contada a um outro, compartilhada, tornando-se infinita. Esse caráter histórico de permanência, de ir além do tempo vivido, tornando-se coletiva, constitui a experiência... O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente onde a leitura(sic) é compartilhada e onde tanto quem lê, quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem e são desafiados”.

Com a Estética da Recepção desloca-se a primazia do autor que tradicionalmente era conferida, para o leitor que terá, vez e voz, ficando com o mesmo a responsabilidade de atribuir sentido e significado às suas leituras. Agora, o aluno deverá selecionar e direcionar suas leituras deixando de lado o autoritarismo do professor que impõe o texto por ele desejado e a compreensão por ele captada.

Portanto, as teorias acima referidas embasaram e orientaram nossos estudos, no seu todo. Por quê dar ênfase às teorias? Porque a condição de investigadoras sociais exige romper com o empirismo cego, cegueira essa, cuja tendência é privilegiar a prática em detrimento da teoria. Dualidade Teoria x Prática, cuja unicidade não permite a dicotomia, a separação, isto se quisermos criar um novo paradigma.

REINVENTANDO TRILHAS E ATALHOS

Valorizamos o contexto social do homem colocando a leitura como um campo de possibilidades para a construção de outras sociabilidades que incrementem o desenvolvimento cognitivo, afetivo e ético dos atores escolares.

Nossa estratégia de ação ancorou-se, sobretudo, na

Etnometodologia que “procura descobrir os ‘métodos’ que as pessoas usam na sua vida diária em sociedade, a fim de *construir* a realidade social; procura descobrir, também, a natureza da realidade que elas constroem,”[8] não perdendo de vista, porém, o objetivo perseguido: criar uma cultura leitora nas escolas relevando a biblioteca escolar. Esse recurso metodológico nos propiciou evidenciar as dissimulações nas práticas pedagógicas enquanto o compartilhamento de experiências dos professores se processava com a nossa participação, mensalmente. O grupo voluntário era constituído de 35 docentes. Com base nas problemáticas levantadas explicitava-se, teoricamente, os temas que deveriam transformar as práticas docentes.

O portfólio constituiu-se num valioso instrumento, tanto de pesquisa como de coleta de dados que facilitou conhecer melhor os docentes e suas atividades pedagógicas quanto ao desenvolvimento da leitura e da escrita. À medida que os docentes refletiam, atribuíam significados e registravam suas práticas pedagógicas, suas dúvidas, suas dificuldades etc. nos seus portfólios e os compartilhavam ia fluindo uma realidade, muitas vezes, camuflada pelos discursos oficiais.

Oficinas de leitura, contação de histórias do cotidiano e literárias, leituras teóricas, dinâmicas de grupo, diagnósticos das bibliotecas escolares, entrevistas das pesquisadoras com os diretores administrativos e pedagógicos constituíram-se, também, em recursos de estudo para o presente trabalho.

HORIZONTES VISLUMBRADOS E UTOPIAS REALIZÁVEIS

Este estudo mostra que, quando o professor apreende as concepções de aprendizagem aqui referidas, passa a concretizá-las em sala de aula percebendo sua própria transformação através da receptividade dos alunos que expressam sua satisfação frente à descoberta de outros interesses que os levam ao enriquecimento individual e coletivo.

O descortinar de uma nova visão da leitura levou os docentes a depoimentos que, na simplicidade das suas expressões, traduzem o novo significado que a leitura passou a ter nas suas vidas cotidianas. Depoimentos que, somados aos de estudiosos, conferem-nos estímulo para acreditar e compartilhar as concepções teóricas, aqui enfocadas, aliadas à metodologia de trabalho empregada; estas como a porta que se abre para outras práticas biblioteconômicas mais condizentes com as exigências sociais contemporâneas.

A tarefa, como esperávamos, não tem sido fácil ao longo desses quase três anos de trabalho. Desconstruir concepções de aprendizagem cristalizadas ao longo da formação e prática profissionais tem exigido de nós (docentes e pesquisadores) um grande esforço dadas às condições materiais, financeiras e humanas, acrescida da resistência natural no enfrentamento do novo.

Aludindo, novamente, aos depoimentos dos docentes acentuamos que após o compartilhamento de suas experiências, os professores deixam claro que... *cada dia aprendem como levar melhor a leitura para sala de*

aula; como foi importante aprende; que ouvir é uma arte difícil, mas necessária para a prática pedagógica e que ... ouvir sobre ouvir e utilizar o livro de história no cotidiano da escola levou a perder a vergonha de ler e de contar histórias e criar um ambiente propício para tal. Ao aprender sobre as funções da literatura infantil uma professora disse: *fiquei impressionada com o paralelo entre história real e fictícia, como encaixa!* Outra, ao perceber a relevância da compreensão de concepções alternativas para novas práticas leitoras, assim se expressa: *cada momento de aprendizagem é mais importante do que o outro.* Mas, o ápice das colocações recaiu na frase: *é muito interessante essa metodologia, pois encanta a crianças e a adultos.* Esta afirmação reforça a nossa crença de que os docentes compreenderam o quão importante é criar na escola um ambiente cultural que esteja atrelado ao gosto de ler e de que a Biblioteconomia encontra aí um espaço, privilegiado, de atuação.

A pesquisa que ora implementamos demarcou nas escolas o território de atuação dos bibliotecários, anteriormente relegado, levando-nos a inferir que esses profissionais precisam adquirir uma postura intelectual, política e social como uma das classes profissionais organizadoras da sociedade que Gramsci, com muito propriedade, nomeia como **intelectuais orgânicos**.

A grande utopia, possível de ser consubstanciada, funda-se na compreensão de práticas pedagógicas que moldem e formem o indivíduo tanto no plano cognitivo, ético e afetivo, como anteriormente realçado neste trabalho. Isto demanda um profundo cuidado no aplicar dessas práticas. Cuidado no sentido de que o ser humano em sendo plural e ao mesmo tempo único nas suas particularidades requer atenção para as características de sua individualidade na formação de sua identidade.

A leitura apresenta-se, pois como um dos possíveis canais para a formação sólida desse ser e a escola, através da biblioteca, como um **lócus**, por excelência, para o acontecer da transformação da utopia pretendida, em realidade.

Entendemos que este estudo está em consonância com os parâmetros propostos pelo 8º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. Esta compreensão pode significar uma profunda transformação na cultura biblioteconômica atual, desde que os bibliotecários estejam dispostos a enfrentar o novo tempo. Ou seja, o enfrentamento de questões prementes envolvendo a sua competência técnica, política e social dentro do meio onde estiverem inseridos, sobretudo, não olvidando que a Escola e a leitura, em especial, são instâncias primordiais na consolidação de uma sociedade leitora, portando cidadã, no que este termo expressa de mais legítimo e abrangente.

NOTAS

1. JARDIM, Lauro. – Radar.REVISTA, 9 de abril de 2003 p.35.

2. Relatório da Unesco. Diário do Nordeste. Fortaleza, 02/07/2003
3. JARDIM, Lauro. Radar. REVISTA VEJA. 30 de Abril 2003 p.35
4. SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
5. VIGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
6. BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
7. KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência: PEDAGÓGICA. 31: 6 (2000) p.16-27.
8. HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas. Petrópolis: Vozes, 1995.
9. GRAMSCI, Antônio. O intelectuais e a organização da cultura. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.